

O ESPELHO

Pisando na areia fina
Passaste de lado a lado,
Agora te vejo rindo
No espaço recuperado.

Marchaste, enfim, resoluta
Sobre cascalho e restolhos,
Chegaste à fonte do vidro,
Nas águas banhaste os olhos.

Depois ficaste indecisa,
Quase inumana e confusa,
Moldando gestos dolentes
Na cera da luz difusa.

Cuidado! Há sempre um sorriso
De irrefletida maldade:
As coisas se estão reunindo
Por detrás da realidade

Num brilho de claro céu
– Lampejo de meio-dia,
Unidos, iluminados,
Orgulho e melancolia,

Neves do tempo dos anjos;
Véus de noivas e de monjas,
Bem tramados, bem tecidos
De renúncias e lisonjas.

Comparo, combino, arrisco,
Passagens procuro a esmo
Sobre o profundo intervalo
Que vai de mim a mim mesmo.

Lua cheia, emoldurada,
Semblante da claridade
Luzindo as asas de um vôo
Recluso na intimidade.

De diamante ou de prata?
Ou são cristais de adúlarias?
– Este é o fiel da balança
Entre as paixões solitárias.

1947